

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

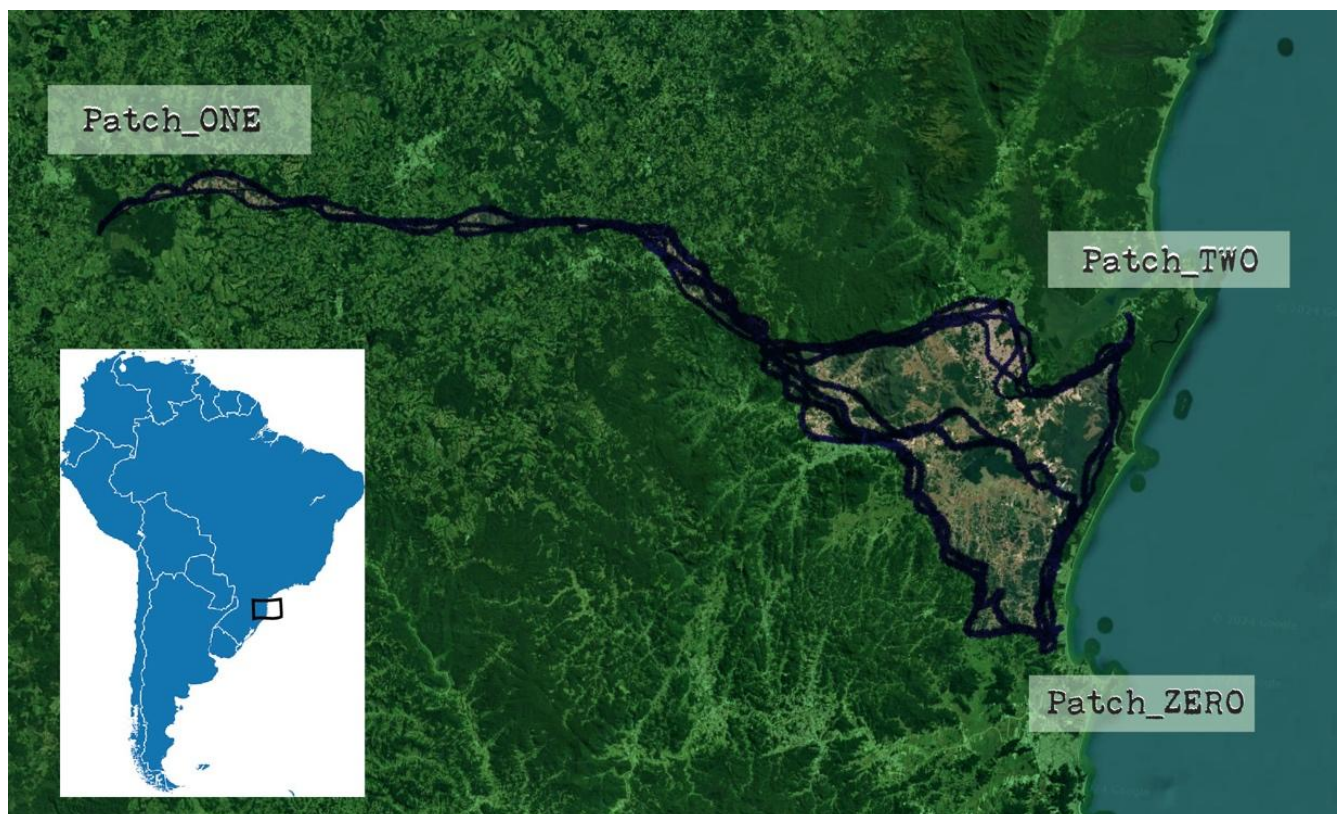
Título: Estradas e estuário: fricções entre infraestruturas e paisagens multiespécies no contexto das mudanças climáticas.

Ivan Gomes

Introdução:

O presente texto foi escrito para subsidiar a apresentação que fiz na Universidade de Osaka, no Japão, em dezembro de 2024. Por isso o texto tem um tom mais amplo, considerando um público que conhece muito pouco o nosso território e suas dinâmicas. Nesse sentido, minha apresentação na ReACT será ligeiramente diferente do texto, podendo ser um pouco mais específico. Ainda assim, estou enviando o texto como está para a coordenação do ST pois nele contém todos os elementos que julgo importantes para situar meu debate, mas peço que considerem uma apresentação ligeiramente diferente.

A minha pesquisa está focada em *relações entre infraestruturas e paisagens multiespécies no contexto das mudanças climáticas*. Espero com essa apresentação dar mais detalhes e profundidade sobre a minha pesquisa. Para isso, farei uma breve contextualização, *primeiro apresentando o referencial teórico e, depois, falando sobre o campo em que realizo minha pesquisa*. Por fim, *falarei um pouco dos motivos que me levaram para o Japão*. Depois disso, espero que a gente possa aprofundar nossa conversa, e espero que vocês possam contribuir com sugestões e apontamentos.



10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Referencial teórico:

Primeiro eu vou apresentar o referencial teórico da pesquisa, porque acho que isso vai facilitar quando eu for falar *1) sobre o campo, 2) sobre os métodos de pesquisa e escrita etnográfica e 3) sobre o formato da tese*. O corpo teórico que inspira o meu trabalho é relativamente extenso, por isso vou falar brevemente sobre conceitos de *05 autores principais: Anna Tsing, Tim Ingold, Thiago Mota Cardoso, Morita Atsuro e Suzuki Wakana*.

Do trabalho de Anna Tsing, a noção de *Antropoceno em manchas e de corredores* me ajuda a perceber de uma maneira diferente as *escalas de tempo-espço* em campo. E também me ajudam a *notar como paisagens e infraestruturas se relacionam no contexto atual do Antropoceno*. Foi o trabalho dela que me incentivou a experimentar uma *etnografia multissituada*.

Outra noção de Anna Tsing relevante para minha pesquisa são as *artes de notar*. Essa ideia me mostra a importância de considerar diversas *percepções diferentes* sobre as paisagens que venho pesquisando. Em meu campo, as artes de notar se apresentam como as *1) percepções ecológicas de pescadores, 2) o olhar científico de geólogos, oceanógrafos, e de outros antropólogos e 3) a percepção poética de artistas*. Eu concordo com a Anna Tsing quando ela defende que *cada arte de notar tem algo de profundo e peculiar a contar sobre a complexidade das paisagens multiespécies*.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

O trabalho de Tim Ingold, por sua vez, nutre a minha *imaginação* e *incentiva a experimentação etnográfica*. O modo como ele costura *o desenhar, o craft, o caminhar, o se locomover, o imaginar e o criar*, bem como suas noções de *paisagem, taskscape, linhas e malha* vêm influenciando como eu *penso* e como eu *exerço* a pesquisa de campo.



De maneira mais prática, a etnografia composta por Thiago Mota Cardoso em conjunto com os pataxó do Monte Pascoal, em Barra Velha – BA me ensinou o potencial metodológico de uma *etnografia andarilha*. O conceito pataxó de *saber andar* ocupa lugar de destaque no modo como decidi realizar minha pesquisa de campo. A escrita da tese também beberá dessa fonte, na qual espero descrever minhas observações participantes de modo similar ao que fez Cardoso em *Paisagens em Transe*.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Vou falar sobre os trabalhos de Morita e Suzuki de maneira combinada, porque foi a partir de um artigo escrito por ambos que cheguei até aqui. O artigo é o ***Being Affected By Sinking Deltas***, que me ajudou a ***entender melhor a importância do olhar antropológico para deltas e estuários no contexto das mudanças climáticas***. Depois disso, lendo outros trabalhos de ambos, as noções de ***infraestruturas multiespécies, habitabilidades anfíbias e involução*** passaram a compor minha percepção etnográfica em campo. É a partir desses conceitos que eu espero realizar o aprofundamento da minha pesquisa nas análises de suas infraestruturas, como estradas, portos e molhes, mas também das habitabilidades anfíbias dos interlocutores da pesquisa.



BACUCU_WASHING BOX

Manchas e corredores da pesquisa

Conforme mencionei, as noções de ***manchas e corredores*** de Anna Tsing são importantes para a minha pesquisa. Elas influenciaram diretamente o modo como o campo foi se desenhando, combinando com a metodologia da ***etnografia andarilha*** de Thiago Cardoso. Então, a partir de agora, eu vou apresentar para vocês as ***manchas e corredores*** nas quais andarilhei e que estou pesquisando no Brasil.

10^a ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ



patch_ZERO

26°35'52"S 48°43'25"W

BR-101_ROAD



Barra Velha_COASTLINE



Itapocu_RIVER AND ESTUARY



Mancha_ZERO: rodovia BR 101 e estuário do rio Itapocu

Foi onde a pesquisa começou. Por isso, vou chamá-la de Mancha_ZERO.

Se trata de uma mancha complexa. Se pensarmos a partir da noção de *malha* de Tim Ingold, eu poderia dizer que há muitas *linhas* nessa *malha*. A minha pesquisa destaca as linhas a seguir:

- **A rodovia BR 101:** se trata da *maior rodovia do Brasil*, que cruza o país de norte a sul pelo litoral brasileiro. São cerca de 4650 quilômetros de extensão por onde *é transportada boa parte das commodities que o Brasil exporta para outros países*;
- **O litoral:** na cidade que a pesquisa teve início, *a rodovia e o litoral quase se tocam*. Ou seja, *é um lugar com muitas histórias sobre os efeitos da infraestrutura na paisagem costeira e na cultura dos seus habitantes*. Muitos desses habitantes são pescadores artesanais que possuem *habitabilidades anfíbias* bastante sensíveis às perturbações ambientais causadas pela rodovia;
- **O rio e o estuário:** na Mancha_ZERO há um rio chamado Itapocu. O nome tem origem indígena, e pode ser traduzido como *pedra comprida*. Muitas pessoas que passam de carro pela rodovia não se dão conta da sua existência. Porque passam muito rápido sobre a ponte baixa da rodovia que cruza o rio. Esse ponto que a rodovia BR 101 cruza o rio Itapocu é muito próximo do estuário do rio. Estuários, como sabemos, são paisagens muito sensíveis às perturbações de infraestruturas e às mudanças climáticas. Por isso, o estuário do rio Itapocu entrou na minha pesquisa. *Porque ele carrega o potencial de contar histórias sobre como as infraestruturas e as mudanças climáticas estão afetando a paisagem e a vida das pessoas que habitam essa mancha*.

As perguntas que faço sobre essa Mancha são bem simples, mas difíceis de responder: *como aquele trecho da rodovia, que é maior rodovia do Brasil, afeta a paisagem costeira local e o estuário do rio Itapocu? E quais os efeitos na percepção ambiental de pescadores artesanais, na ecologia da paisagem e na vida de outros habitantes dessa paisagem?*

Eu sei que essas perguntas já seriam suficientes para me dar bastante trabalho ao longo do doutorado. Mas o próprio campo de pesquisa exigiu que a etnografia se expandisse para outras manchas... Antes de dar detalhes sobre as outras manchas, vou contar uma pequena história que ocorreu em campo, e que me levou a pesquisar essas outras manchas.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Eventos expansores:

Eu estava em campo, percorrendo a rodovia. Naquele dia eu viajava de moto. O meu destino era um dos portos próximos da Mancha_ZERO. Logo no começo da viagem, me deparei com um engarrafamento. ***Tudo parado.*** Pessoas haviam saído de dentro dos carros e dos caminhões. Sinal de que estavam há muito tempo sem poder sair dali.

Mais tarde eu descobri o motivo da interrupção do tráfego. Um caminhão, que transportava toras de Eucalipto, tombou na pista. As toras se espalharam de tal forma, que era impossível se desviar. Não era o primeiro caminhão com toras de madeira que eu via em campo. Há muitos desse tipo nas estradas brasileira. O curto-circuito que esse evento foi capaz de causar na infraestrutura despertou minha curiosidade. A partir daquele dia, eu passei a seguir as árvores de Eucaliptos pelos *corredores* e *manchas* que se apresentaram à pesquisa.



10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ



10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

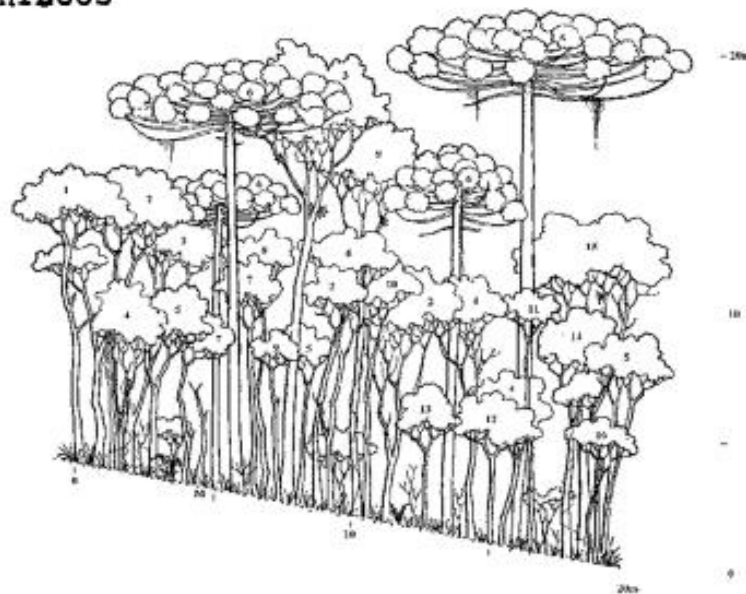
06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

patch_ONE

26°13'08"S 50°18'18"W

MIXED OMBROPHILOUS



terlogs_RAILWAY AND ROAD



Pinus taeda PLANTATION

QUADRO ÁREAS PARA CORTE - FAZENDAS FAMOSSUL / VIDA FLORESTAL 2024

Fazenda	Município	Espécie	Nº Talhão	Data de Plantio	Área de plantio (ha)	Nº de Árvores p/ha	Nº Total de Árvores	DAP (cm)	Altura (m)	Q	Vol. Comercial			Operação
											vml / m³	m³/ha	total m³	
Palmitos de Cima	Agudos do Sul	Pinus Taeda	2	2008	0,78	730	569	26,80	23,20	42,06	0,595	434,46	338,880	2ª Desbaste
			1	2016	7,09	1.106	7.838	18,30	11,60	29,97	0,124	137,50	974,850	1ª Desbaste
Zacarias	Piên	Pinus Taeda	4	2003	8,15	293	391	36,90	29,10	31,47	1,400	410,74	3.347,490	Corte Raso
			6	2004	7,46	267	1.989	35,90	27,80	28,10	1,300	346,70	2.586,420	Corte Raso
Laranjeiras	Joloville	Pinus Taeda	2	2012	28,71	651	18.681	20,50	14,70	21,98	0,203	132,07	1.791,760	2ª Desbaste/em Processo
			4	2016	16,60	965	16.016	18,90	10,90	27,82	0,123	118,96	1.974,760	1ª Desbaste/em Processo
Volta Grande	Rio Negrinho	Pinus Taeda	5	2016	1,58	1.178	1.861	19,30	12,00	35,03	0,138	162,54	256,820	1ª Desbaste
Campo da Cruz	Rio Negrinho	Pinus Taeda	2	2016	23,81	1.540	35.944	15,30	9,90	29,61	0,074	113,62	2.651,930	1ª Desbaste
Artefama Araucaria II	Rio Negrinho	Pinus Taeda	1	2013	23,48	1.838	43.148	17,20	13,10	44,28	0,123	129,56	5.390,170	1ª Desbaste
			2	2009	3,96	938	3.714	21,00	17,20	33,17	0,251	235,14	931,160	2ª Desbaste
Ilha Vista	Piên	Pinus Taeda	3	2009	23,23	1.700	20.791	19,20	16,00	50,97	0,195	331,57	4.055,160	1ª Desbaste
			2	2009	5,42	556	3.015	28,20	22,10	34,91	0,612	340,58	1.845,950	2ª Desbaste/em processo
Pedreira	Piên	Pinus Taeda	1	2009	7,38	656	4.841	27,40	21,80	39,52	0,588	385,99	2.848,620	1ª Desbaste/em Processo
Campinas	Campo Alegre	Pinus Taeda	2	2010	22,58	1.073	24.236	22,20	19,00	42,67	0,311	333,84	7.538,050	2ª Desbaste/em processo
Gruber/Cachoeirinha	Piên	Pinus Taeda	1	2002	10,35	433	4.477	33,20	28,60	37,6	1,114	481,6	4.985,570	2ª Desbaste/em processo

Mancha_UM: a monocultura de Pinus e Eucalipto e a Ombrófila Mista

Minha perseguição ao Eucalipto me levou à outra mancha, cerca de 100 quilômetros de distância da Mancha_ZERO. Vou chamá-la de **Mancha_UM**. E vou seguir com a dinâmica de apresentar a *mancha* a partir de *linhas* de destaque.

- **A floresta:** antes do início do século XX, prosperava nesse território uma imensa floresta. Os ecólogos a batizaram de **Ombrófila Mista**. “Ombrófila”, em grego, significa “amiga das chuvas”, porque é uma floresta que ficava em uma região onde havia chuva o ano inteiro. E “mista” porque era composta por árvores de folhas largas e por uma espécie de pinheiro muito importante para a região sul do Brasil: a Araucária. Restaram apenas 2% de árvores de Araucária. Assim como os indígenas da região, a floresta foi dizimada;

- **As ferrovias e as estradas:** no início do século XX, teve início um grande projeto imperialista de implementação de ferrovias e expansão de estradas na Mancha_UM. O projeto contou com a atuação de uma empresa americana, financiada por capital europeu. A união das forças do capital estrangeiro com o Estado brasileiro conseguiu construir a ferrovia e ampliar as estradas. Entre os efeitos desse projeto estão: *1) o genocídio e expulsão de povos indígenas, 2) uma guerra sangrenta com os habitantes tradicionais e 3) o desmatamento generalizado da floresta*. Tudo isso transformou drasticamente a paisagem da Ombrófila Mista e as relações entre pessoas e o ambiente local;

- **As plantations:** a primeira metade do século XX foi suficiente para a implementação das infraestruturas e para o esgotamento da madeira de árvores nativas. A devastação da floresta aos poucos foi dando lugar à diversas *plantations*. A partir de 1950, o Estado brasileiro passou a investir em pesquisas para o cultivo de novas espécies de árvores que pudessem atender a demanda internacional por madeira. É nesse contexto que aparecem o Eucalipto e o Pinus. Duas espécies exóticas de árvores que prosperaram no clima da Ombrófila Mista. Seu sucesso interfere diretamente na dinâmica da paisagem local e na percepção ecológica de seus habitantes.

A Mancha_UM carrega questionamentos semelhantes ao que vimos na Mancha_ZERO, mas também gera perguntas novas: *como as monoculturas afetam a percepção ecológica dos habitantes da Mancha_UM? Como elas afetam a dinâmica ecológica dessa paisagem? Há algum potencial em rememorar essas histórias a partir de uma leitura antropológica? Se a resposta for positiva, então, quais as contribuições da etnografia nesse exercício da memória?*

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ



10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ



patch_TWO

26°22'03"S 48°40'02"W

separ_PORT



Babitonga bay_MUD



Linguado canal_EMBANKMENT AND ROAD



Mancha_DOIS: os portos e a baía da Babitonga

Bem, e para falar da última mancha, a Mancha_DOIS, voltemos para a Mancha_ZERO. Você deve se recordar do engarrafamento causado pelas toras de Eucalipto tombadas do caminhão. Pois bem, como eu disse, eu estava indo para um dos portos próximos à Mancha_ZERO. Foi uma sugestão do meu orientador, prof. Rafael Devos. Ele me lembrou que estradas e portos compõem um amplo sistema global de infraestruturas. E que eu poderia encontrar dados etnográficos importantes ao visitar um porto. Ele estava certo. Essa busca me levou até a Mancha_DOIS. Lá, se destacaram as seguintes *linhas*:

- **O porto de São Francisco do Sul:** é um dos portos mais antigos do Brasil. Atualmente, é um porto graneleiro. Ou seja, dele *são exportados*, principalmente, grãos de soja e de milho. Mas também é exportada a produção feita a base das monoculturas de Eucalipto e Pinus. Pelo vetor da *importação*, o porto de São Francisco do Sul recebe majoritariamente navios que trazem fertilizantes químicos da Rússia e bobinas de aço da China para a produção industrial brasileira;

- **A baía da Babitonga:** o porto está localizado em uma grande baía, chamada *baía da Babitonga*. De origem indígena, esse nome pode ser traduzido como “**terra em formato de morcego**”. Há diversas cidades em suas margens. Assim como na Mancha_ZERO, há uma tradição de pesca artesanal muito rica e antiga na baía. Mas os pescadores estão muito *preocupados e desesperançosos*, porque além dos dois portos que atualmente estão em operação, *há previsão da construção de mais infraestruturas portuárias na baía*. Essas mudanças obedecem *às demandas internacionais por commodities* e vão afetar ainda mais a ecologia da baía da Babitonga;

- **O aterro do canal:** no início do século XX, foi cometido um dos crimes ambientais mais emblemáticos do sul do Brasil. *O aterramento do canal do Linguado, na baía da Babitonga*. Antes do aterro, a baía da Babitonga possuía *duas aberturas para o mar: 1) a grande boca da baía, e 2) o canal do Linguado*. O fechamento do canal causou profundas mudanças na ecologia da baía, *porque era um caminho de entrada dos peixes e outros seres da água*. Além disso, o fechamento do canal passou a impedir o fluxo de sedimentos para o mar, *o que causa o acúmulo de lama em muitos trechos da baía, dificultando a navegação dos pescadores*. *Esse aterro é uma das linhas que une a Mancha_DOIS, da baía da Babitonga, com a Mancha_UM, da Ombrófila Mista. Isso porque o canal do Linguado foi aterrado para receber a linha férrea e a estrada que vêm desde a Ombrófila Mista*. Essa infraestrutura era necessária para *acelerar* a exportação da grande quantidade de madeira do desmatamento da Ombrófila Mista. Essa é uma infraestrutura que coloca em evidência como manchas se conectam e se afetam mutuamente a partir de projetos imperialistas e capitalistas.

A partir do campo na Mancha_DOIS, faço as seguintes perguntas: *como as atividades portuárias em curso afetam a paisagem da baía da Babitonga? Como as habitabilidades anfíbias dos seus habitantes são atingidas? Como os habitantes dessa paisagem*

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

multiespécies respondem a essas perturbações atuais e àquelas perturbações que herdaram do aterro do canal do Linguado?

Cosmotécnicas de resposta

A última pergunta que fiz é muito importante para mim: *Como os habitantes dessas paisagens multiespécies respondem a essas perturbações?* Eu não quero escrever uma etnografia que conte *apenas* histórias de destruições de paisagens por infraestruturas. Também quero evitar o tom de fim de mundo – por mais que o que eu veja em campo seja, muitas vezes, motivo de desesperança. Eu acho que uma forma de desarmar essas armadilhas *é descrever relações, cosmotécnicas e habitabilidades que se manifestam nesses ambientes perturbados, e como essas infraestruturas são apropriadas*. É o que venho chamando de *cosmotécnicas de*

RESPONSE-ABILITY
COSMO-TECHNIQUES

wash "bacucu"



inclusive environmental restoration



10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

resposta. Eu quero descrever essas *cosmotécnicas de resposta* para que possa servir tanto às pessoas com quem eu estudo, como às pessoas de outros lugares do mundo que enfrentam problemas semelhantes. Em última instância, penso que essas descrições de *cosmotécnicas de resposta* também podem colaborar com o enriquecimento do conhecimento e da imaginação prática diante do horizonte das mudanças climáticas.

O Japão:

Pois bem. Agora que eu já apresentei para vocês um resumo da minha pesquisa em andamento, *vou falar sobre o que me levou até o Japão*. Eu já falei sobre como o trabalho de Morita-sensei e da Suzuki-sensei se relacionam com a minha pesquisa. E eu espero que, depois dessa apresentação, *tenha ficado mais claro como nossos trabalhos dialogam*. Ambos coordenam o *Science, Technology and Culture Laboratory* na Universidade de Osaka. Este foi o primeiro motivo que me levou a buscar a realização de um estágio de doutorado sanduíche por lá. Somado a isso, me interessava observar as habitabilidades anfíbias de pescadores artesanais na paisagem natural-cultural japonesa. Uma paisagem já bastante modificada por um colossal sistema infraestrutural, em um contexto econômico com intensa industrialização, em especial se comparado ao contexto brasileiro. **Como as paisagens aquáticas e as habitabilidades anfíbias respondiam à intensa modificação acelerada no pós-guerra?** Essa é apenas uma das perguntas que despertaram minha curiosidade e me levaram ao lago Biwa, na prefeitura de Shiga, e à única ilha de água doce habitada do Japão: Okishima, localizada no lago Biwa.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ



O mito da gênese de Okishima conta que, há mais de mil anos, a ilha se tornou morada de um coletivo de 7 samurais e suas famílias, todos fugidos da perseguição do imperador após a derrota em uma batalha. Contam que na ilha ainda há descendentes dessas famílias. Desde então, foram desenvolvidas inúmeras cosmotécnicas que combinam diversas artes de pesca com agricultura. Por se tratar de uma ilha cercada pela água doce do maior lago do Japão, a agricultura ocorria tranquilamente enquanto armadilhas características de Okishima capturavam os peixes lacustres: uma combinação de cosmotécnicas mapeada e reconhecida pela FAO/ONU como digna de proteção e promoção.

Ocorre que essa paisagem não ficou imune aos gatilhos do Antropoceno. Diversas perturbações, originadas a partir de uma variedade de detonadores, vêm causando efeitos mortíferos de grande intensidade na ecologia da paisagem. A inserção de espécies exóticas – como o black bass –, passando pela contaminação das águas por insumos do agronegócio, até a construção de inúmeras infraestruturas – com destaque para barragens de contenção de água

—, estão causando efeitos na biota do lago Biwa e, conseqüentemente, na capacidade pesqueira dos ilhéus. Somado às perturbações na paisagem, o envelhecimento populacional e a depopulação da ilha despertam preocupações consonantes com outras diversas ilhas remotas do Japão.

Esse é um brevíssimo resumo do que encontrei em minhas pesquisas no Japão. Submerso nele, há um vasto material etnográfico que pretendo manejar na escrita da tese. Penso que as observações de campo em Okishima podem se aglutinar ao material etnográfico coletado nas manchas brasileiras. E eu pretendo justificar tal aglutinação por uma das minhas intenções com essa tese: exercitar e promover o pensamento ecológico a partir da etnografia, a fim de justapor contextos diversos em que operam o ethos e a práxis do capitalismo globalizado, tendo como fios condutores os efeitos das relações cibernéticas entre infraestruturas e paisagens multiespécies.

Referências

CARDOSO, Thiago Mota. **Paisagens em transe: ecologia da vida e cosmopolítica Pataxó no Monte Pascoal**. Brasília: IEB Mil Folhas, 2018.

HUI, Yuk. **Tecnodiversidade**. São Paulo: Ubu Editora. 2020

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petropolis – RJ: Editora Vozes, 2015.

MORITA, Atsuro. **The Ethnographic Machine**: Experimenting with Context and Comparison in Strathernian Ethnography. Science, Technology, & Human Values, Vol. 39, No. 2, Special Issue: The Conceptual and the Empirical - expanding STS (March 2014), pp. 214-235, March 2014.

----- **Infrastructuring amphibious space**: the interplay of aquatic and terrestrial infrastructures in the Chao Phraya delta in Thailand. Science as Culture, v. 25, issue 1, p. 117-140, 2016.

----- **From Gravitational Machine to Universal Habitat: The Drainage Basin and Amphibious Futures in the Chao Phraya Delta, Thailand**. Engagin Science, Technology and Society. 2017a.

----- **Multispecies Infrastructure**: Infrastructural Inversion and Involutionary Entanglements in the Chao Phraya Delta, Thailand, Ethnos, 82:4, 738-757, 2017b.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

MORITA, Atsuro; SUZUKI, Wakana. **Being Affected by Sinking Deltas:** changing landscapes, resilience, and complex adaptive systems in the scientific story of the Anthropocene. *Current Anthropology*, v 60, sup. 20, 2019a.

TSING, Anna L.. **O cogumelo no fim do mundo.** São Paulo: n-1 edições, 2022.

TSING, Anna L. *et al.* **Field guide to the patchy Anthropocene:** the new nature. California: Stanford University Press, 2024.